

minando todas as características desta proteína virulenta, encontrou nela os elementos essenciais da matéria viva (C, H, N, S, P), e pôde atribuir o princípio activo a uma núcleo-proteína, que os raios X e U.V. inactivam, mantendo-lhe as suas propriedades antigénicas. E' no que se resume o sensacional da descoberta: cristalização duma proteína virulenta acompanhada de conservação da virulência. 15 recristalizações sucessivas não a inactivam. Bernal e Fankuchen, Bawden e Pirie, consideram os «cristais» de Stanley simples «paracristais» de estrutura fibrilar, podendo ser, portanto, que se trate apenas de uma pseudo-cristalização; mas descobertas ulteriores provam que há, de facto, uma verdadeira cristalização.

Ora, até hoje, o estado cristalino era considerado incompatível com a vida. Por outro lado, o ultra-virus seria um ser organizado e vivo, um infra-micróbio. O fenómeno da cristalização, fenómeno inesperado, traz consequências tais que levam Levaditi a dizer: «em toda a minha carreira de microbiologista, jãmais me foi dado encontrar uma tal revo-

lução das nossas concepções clássicas». Segundo êste autor, a vida do ultra-virus seria uma organização rudimentar, uma forma de vida desconhecida nos nossos dias, um destes ensaios incompletos que precederam, acompanharam ou sucederam a síntese do complexo núcleo-citoplásmico das células animais ou vegetais; os ultra-virus parecem pertencer a um mundo vivo que nós ignoramos, e que constituiria, como diz Tivort, as formas prè-celulares da vida. Houve, pois, uma vida pre-celular, um estado intermediário à vida e à não-vida, e o ultra-virus é êsse estado.

Ressurge a teoria da geração espontânea?

Veremos nós um dia a transformação dos infra-germes em seres mais completos, capazes de viverem uma vida própria, autónoma, capazes de se multiplicarem?

De Stanley: «a fronteira entre o vivo e o não vivo tende a desaparecer... Os ultra-virus representam o élo entre o tipo da organização atómica ou molecular, que os químicos conhecem, e o tipo da organização celular, que os biólogos conhecem».

ARTE

REVUE DE PARIS — 46.º ano — n.º 8
— Os Independentes — (D'ESPEZEL) — A Exposição dos Independentes, em Paris, apresenta um aspecto calmo e simples: nada de escândalos; restos de cubistas, ilusionistas e luministas; tudo o mais cheio de meritórias virtudes — muito talento e pouco génio.

Dos 3.200 quadros expostos, quasi metade são paisagens — muitas coisas inúteis se bem que às vezes agradáveis.

O mar: destacam-se o *Normandie* de Balande, as marés baixas de Marcel François, Gisèle Limouzi, Stephanie Choffat, Léon Toubranc.

Na Ilha de França: Maurice Bouillet, Alfred Veillet, Lucien Aubert.

Outros nomes ainda na paisagem, se bem que nada nos digam, são agradáveis.

«As últimas etapas da pintura trataram muito mal a figura humana: o retrato, o nú, as composições de grupos foram vítimas da moda...

Nomes? — Paul Séailles com uma delicada

cabeça de criança; Delaune com um vigoroso garoto; Duray, Maxence; Bonnery...

E que nós! Toda a gente notou esta maré alta em que a *brejeirice* não estava ausente. Um espectador pudibundo estoirou ante o *repouso* de Camoin, boa tela, de ousada atitude; pergunta-se, no entanto, porque é que a tela de Mário Tauzin não sofreu a mesma sorte: é mais inconveniente e nada má. Vê-se com prazer a *Banhista* de André Roberty... e as vigorosas *Keira* de Lancelot Ney, vigorosamente construídas; a *Banhista* de Metzinger é desgraçada; igualmente estranhas as telas de Lev Tchistovsky.

Outrora ter-se-ia agrupado na «História», com a *Diana e Calixto* de Jean Cognac, a *Arquitectura*, tremendo êrro de Waroquier; no «género», destacam-se a Piscina de Adrienne Jouclard, em que as banhistas se estiram como belos peixes; a *Toilette* de Constant Le Breton, um dos melhores quadros dêste Salão, a *Maternidade* aveludada de Jean Gilis.